

Jazz

26 Novembro 2010

Ciclo 'Isto é Jazz?'

Comissário: Pedro Costa

Paulo Curado, Miguel Mira, Carlos “Zíngaro”

FUNDAÇÃO CAIXA GERAL DE DEPÓSITOS

Culturgest



Saxofones alto e soprano, flauta Paulo Curado

Violoncelo Miguel Mira

Violino Carlos "Zingaro"

Sex 26 de Novembro

21h30 · Pequeno Auditório · Duração: 1h00 · M12

Entre margens

O trio que, pela primeiríssima vez, agora se apresenta tem como núcleo duro um duo, aquele constituído por Paulo Curado e Miguel Mira que há um ano vem desenvolvendo um trabalho com regularidade semanal. O objectivo deste encontro de personalidades nunca foi a sedimentação de fórmulas, ao contrário do que é habitual ocorrer quando se formam grupos e se constituem projectos. O esclarecimento é logo adiantado pelo saxofonista e flautista: "Aquilo que é mais interessante e estimulante na música que tenho criado com o Miguel, e pela minha parte talvez em todas as actividades relacionadas com a improvisação, não é a definição ou a parame-trização de conceitos, mas exactamente o oposto, ou seja, a experiência da novidade e do ainda não alcançado."

E mais diz Paulo Curado: "Cada sessão de trabalho que tenho com Miguel Mira constitui uma nova etapa na descoberta de mim mesmo e um salto em termos de capacidade técnica e de recursos de vocabulário. E o mesmo acontece com ele. Por isso é que essas sessões continuam a ser estimulantes e não se tornam meras repetições – são sempre possibilidades de alargamento dos campos de experimentação e comportam o risco de novas *performances*." Pelo seu lado, o violoncelista define essa produção conjunta como "uma aprendizagem ao nível da comunicação expressiva, realizada com empenho, afecto e atitude de pesquisa".

Foi precisamente para reforçar essa vertente de imprevisibilidade que o duo se transformou num trio, com a inclusão de Carlos "Zingaro", um internacional-

mente reconhecido mestre da arte de bem improvisar sem pautas ou cifras. E para que o violinista não ficasse envolvido em qualquer teia de hábitos comportamentais que, eventualmente, tivessem resultado da cooperação entre Curado e Mira, não só não se realizaram ensaios a três, como nenhuma indicação foram transmitidas ao músico veterano. Comenta "Zingaro", a propósito: "Vou ter total liberdade, o que bastante me agrada."

Se é a primeira vez que este trio se apresenta publicamente e, na verdade, que toca em conjunto, importa no entanto referir que todos os seus elementos estiveram no mesmo palco em outras formações – por exemplo, Paulo Curado e Carlos "Zingaro" já actuaram em dueto. São músicos que se conhecem, que sabem o que esperar uns dos outros e que têm uma noção estabelecida de como podem, ou não podem, interagir entre si. A surpresa buscada por este agrupamento não é, em consequência, um mero atirar de moeda ao ar. O que acontecer musicalmente estará entre duas margens, uma a da segurança mínima garantida pelo passado comum dos intervenientes, e a outra a do acaso próprio de uma situação de improviso. No entender de Miguel Mira, "o facto de o Carlos tocar connosco significa por si só um estímulo – vai ser um prazer".

O respeito de "Zingaro" pelos seus parceiros é recíproco: "Estes são músicos que admiro. Conheço o Paulo há já 20 anos e tivemos juntos as mais diversas aventuras musicais. Dispõe de uma enorme sensibilidade e possui um dos melhores sons e técnicas de saxofone soprano no nosso país, para além de uma continuada preocupação

na procura de novas formas e linguagens. O Miguel é um conhecimento mais recente e foi-me uma grande surpresa, pois tem um domínio técnico, uma intuição e uma abordagem inusitados.”

Para Paulo Curado, o mentor desta formação, trata-se de algo bem diverso do seu outro projecto, O Lugar da Desordem. “A instrumentação – palhetas, violino e violoncelo – representa uma mudança radical de contexto e mesmo de texto, o que implica uma transformação na maneira de tocar, bem como na exploração dos meus próprios limites tímbricos, o que me levou a escolher sonoridades de grupo diferentes. E temos o factor mais importante de todos, a selecção dos músicos. Estou mesmo convencido de que os grupos de improvisação são feitos mais pelas pessoas que os integram do que pelos instrumentos que utilizam. Posso invocar mil justificações de ordem artística e técnica, mas o convite que fiz a Miguel Mira e a Carlos ‘Zíngaro’ para formar este trio foi-me determinado pela facilidade de diálogo que temos entre os três.”

O grupo que ora se estreia também constitui um investimento diferente, para Miguel Mira, daqueles que vem fazendo com o Motion Trio de Rodrigo Amado, os duos que mantém com Ulrich Mitzlaff e com Abdul Moimême e os Woods: “São âmbitos estéticos muito distintos. O Motion Trio é claramente de jazz, com Mitzlaff aproximamo-nos da música contemporânea e a minha colaboração com os Woods e com o Abdul faz-se no universo da composição em tempo real.”

Neste particular, impõe-se responder à questão introduzida pela série de concertos Isto é Jazz?, de que o presente é um dos derradeiros no calendário de

2010. Tanto Paulo Curado como Miguel Mira têm formação jazzística e uma boa parte das suas dedicações musicais é facilmente catalogável como jazz – estão longe, porém, de se confinarem a esse âmbito. Como refere Curado: “Para mim o *free jazz* foi sempre a mola, mas já não está muito presente na maneira como penso a música, apesar de poder aparecer em algum lugar. Mas essa é uma referência entre outras, num quadro de liberdade expressiva e alargamento de consciências. Se isto ainda é jazz? Não sei se é, mas não me parece...”

Menos conotado com o formato jazz (não obstante ter sido o grande pioneiro do *free* em Portugal, no início da década de 1970, tal como o foi, antes, do rock psicadélico e, depois, da electrónica ao vivo), está “Zíngaro”, que tem muito que dizer sobre o assunto: “Sempre fui confrontado com a questão ‘isto é jazz?’ ao longo do meu percurso como improvisador. Nunca foi coisa que me preocupasse sobremaneira, apesar de, neste país, me ter valido algum ostracismo e boicote. Seja como for, sempre tive um enorme apreço pelo jazz, sempre lhe votei uma escuta atenta e sempre tive o privilégio de colaborar com alguns dos grandes nomes internacionais do jazz. Decidi muito cedo construir uma linguagem pessoal e autónoma, tendo o cuidado de alertar para o facto de que não me considero um ‘músico de jazz’, mas tal não vem impedindo que seja continuamente convidado para tocar em festivais dedicados a esse género musical. Tendo dito isto, acrescento que não me preocupa que este concerto venha a ter essa direcção, sabendo que os músicos que estarão comigo são suficiente-

mente flexíveis e atentos à obtenção de uma enriquecedora partilha musical.”

Como tem estado implícito, esta actuação será totalmente improvisada. Mas não se pense que os intuítos não são “composicionais”, tendo em conta, inclusive, que neste trio estão presentes dois conceituados compositores de cena para teatro, dança e cinema, Curado e “Zíngaro”. Quanto a isto, as afirmações do primeiro não deixam lugar a quaisquer dúvidas: “Prefiro que os temas surjam no decurso das conversas, e não por estabelecimento prévio, mas trata-se, sempre, de temas, tal como numa composição escrita. Garantimos assim que os temas são sempre novos e que sejam tratados com cuidado. Obrigamo-nos a reconhecê-los, a repeti-los, a transformá-los e aí é que está o gozo. Não se trata de um exercício, mas da construção de um discurso global. Cada intervenção nossa é integrada numa narrativa maior e numa dramaturgia, não sendo esta outra coisa senão a distribuição dos discursos individuais nos tempos que têm de ocupar, segundo princípios de velocidade, densidade e importância relativa. Evitando sempre que algum desses discursos se sobreponha aos demais, tal como acontece nas narrativas contemporâneas, em que tudo funciona em rede.”

Dada a presença de cordas de arco, será de suspeitar que a música tocada por Curado, Mira e “Zíngaro” tenha uma dimensão camerística e intimista. O “pivot” do grupo mais justifica essa impressão: “Para mim é importante o factor acústico e o equilíbrio entre os músicos na panorâmica sonora. Daqui resulta uma grande distância entre a necessidade de afirmação e de volume

sonoro de um soprador num trio de jazz e num trio com violino e violoncelo, sobretudo se se utilizar a flauta, como vai ser o caso.” A opção por recorrer apenas a uma muito ligeira amplificação está tomada, pelo que se espera um concerto “de câmara”, mas ainda assim tudo está em aberto. Avisa Carlos “Zíngaro”: “Certamente que haverá um leque vasto de opções, que poderão passar por massas sonoras e fraseados/sons tradicionalmente muito pouco conotados com a música de câmara...”

Neste aspecto, é de não esquecer a particular abordagem que Miguel Mira tem do violoncelo – utiliza-o, sobretudo, como um contrabaixo de jazz, isto é, em pizzicato e com funções predominantemente rítmicas, acrescentando que o seu cordofone é afinado em quartas, tal como o mais grave espécime da família do violino. “Durante muitos anos toquei contrabaixo, pretendendo eu que a afinação que faço assegure um compromisso tímbrico com o meu anterior instrumento. De qualquer modo, tal caminho ainda está a começar a ser trilhado.” O que pressupõe que Mira terá mais do que um papel no trio – poderemos vê-lo e ouvi-lo em situações mais convencionais para um violoncelista, ou a definir-se como um pilar métrico e de balanço.

Fica, pois, a dúvida: vamos assistir a um serão de “jazz de câmara”? É pouco provável, mas nunca se sabe...

Rui Eduardo Paes
Crítico de música, ensaísta,
editor da revista *jazz.pt*

Paulo Curado

Flautista, saxofonista (alto e soprano) e compositor, nasceu em Espinho em Novembro de 1960. Fez a sua formação clássica na Academia de Amadores de Música e no Conservatório Nacional, e de Jazz na Escola de Jazz do Hot Clube de Portugal.

Na década de 1980 é de destacar a sua participação nos grupos de Janita Salomé, José Mário Branco, Júlio Pereira, músicos fundamentais da Música Popular Portuguesa e a participação num concerto no Teatro S. Luiz do guitarrista Carlos Paredes, gravado pela RTP.

No entanto, a sua escolha em termos musicais situa-se desde há duas décadas na área do jazz e da música improvisada. Neste contexto colabora ou colaborou com músicos como Nuno Rebelo, Carlos “Zingaro”, Miguel Mira, Rodrigo Amado, Steve Swell ou Lou Grassi.

Com José Peixoto fundou o grupo SHISH em 1984 e fez parte dos Ploplot pot dirigido por Nuno Rebelo em 1990. Gravou, em 1992, o disco *Idefix* com Sérgio Pelágio e fundou o Lugar da Desordem, inicialmente com Bruno Pedroso e Pedro Gonçalves. Com este grupo gravou o disco homónimo em 1996 na extinta editora Groove, e com Ken Filiano no lugar de Pedro Gonçalves editou o aplaudido *The Bird, the Breeze and Mr Filiano* (Clean Feed, 2008).

Em 2003, com João Paulo (piano) e Bruno Pedroso (bateria), lançou o CD *As Sete Ilhas de Lisboa* (Clean Feed, 2003), que tocara no festival Jazz em Agosto no mesmo ano.

Fez parte do colectivo Cobra, projecto de improvisação colectiva criado por

John Zorn, dirigido por Nathan Fuhr, que tocou na ZDB em Abril de 2008.

Para além da sua actividade como músico, desenvolve colaborações noutras áreas artísticas, *Sonografias* com o pintor António Jorge Gonçalves, que pinta em tempo real em suporte digital projectado de maneira a tirar partido da arquitectura envolvente, apresentado pela primeira vez na Fábrica da Pólvora em Barcarena, *Ou*, concerto para 4 músicos e 4 actores, com textos de Miguel Castro Caldas e direcção artística de Teresa Sobral, estreado no Teatro S. Luiz em Fevereiro de 2009.

Como compositor tem trabalhado também para dança e cinema de animação e música para crianças, destacando-se nesta área o projecto *Bom Dia Benjamim* de que é co-autor, com José Peixoto e Nuno Artur Silva, e que daria origem a um disco e um livro infantil com desenhos de Cristina Sampaio, editados pela Movieplay, uma peça de teatro produzida para a Expo 98, encenada por António Feio e uma série de animação realizada por Nuno Amorim. Compôs ainda a música para a serie infantil *Os Patinhos* de Rui Martins e Humberto Santana.

Para teatro, compôs as músicas para as peças *A Vida Não é Literatura* com encenação de Suzana Borges, na Culturgest; *Ninguém Está Virgem*, encenação de António Feio, no Teatro Universitário da Faculdade de Economia de Lisboa, *Perdidos em Yonkers* e *Duas Semanas com o Presidente*, encenação de António Feio no CCB, *Arte*, encenação de António Feio, no Teatro Vilaret, *Elefantes no Jardim*, de Virgílio Almeida, com encenação de Teresa Sobral, no Teatro Taborada, *Rastos*, de António

Ferreira, encenação de Paulo Filipe, no Teatro Aberto, *Terrorismos* dos irmãos Presniakof, encenação de Jorge Silva Melo, no Teatro Taborda e *O Amor de Fedra*, de Sarah Kane, encenação de Jorge Silva Melo.

Desde 2007 trabalha no seu próprio estúdio em sonorização e pós-produção de áudio para cinema de animação, gravação de músicas e ruídos.

Miguel Mira

Estudou guitarra na Academia dos Amadores de Música, Lisboa, na década de 1970 com o Professor Nagy, e posteriormente, na mesma década estudou contrabaixo na Escola de Jazz do Hot Clube com Zé Eduardo.

Durante os últimos quarenta anos, em concertos, *private sessions* ou em estúdio, Miguel Mira trabalhou, cronologicamente, com músicos como Emílio Robalo, Celso de Carvalho, António Ferro, Zé da Cadela, João Lucas, Francisco Medina, Abdul Moiméme, Rashiim Ausar Sahu, Patrick Brennan, Carlos “Zíngaro”, Rodrigo Amado, Scott Fields, Francisco Trindade, Ernesto Rodrigues, Harvey Sorgen, D’Incise, Círyl Bondi, Joe Giardullo, Ulrich Mitzlaff, Luís Lopes.

Com Paulo Curado tem desenvolvido uma colaboração intensa no último ano, especialmente em duo.

Hoje em dia faz parte do Motion Trio do saxofonista Rodrigo Amado e de um invulgar dueto de violoncelos com Ulrich Mitzlaff, para além da grande cumplicidade com o pianista João Lucas que resultou no CD *Abstract Mechanics* (Creative Sources, 2010).

Carlos “Zíngaro”

Começa a estudar música com quatro anos, tornando-se profissional aos treze como membro da Orquestra Universitária de Música de Câmara.

Para além dos estudos de violino frequenta também os cursos de órgão e Canto Gregoriano. Estudos de musicologia, música electroacústica e música contemporânea (teatro-música) fez parte de permanências na Universidade Técnica de Wrocław (Polónia) e na Creative Music Foundation (Nova Iorque).

Tirou o curso de Cenografia da Escola Superior de Teatro de Lisboa e foi pioneiro em Portugal na utilização das novas tecnologias na composição e interacção em tempo real assim como nas relações som/movimento e “composição imediata”. Tocou nos mais importantes festivais de “improvisação” e “nova música” na Europa, América e Ásia. Apresenta-se em solo absoluto ou em grupos com os compositores/músicos internacionalmente mais significativos nestas áreas musicais, como Fred Frith, Anthony Braxton, Joëlle Léandre, Daunik Lazro, Richard Teitelbaum, Derek Bailey, Otomo Yoshihide, George Lewis, Christian Marclay, Alvin Curran, Frederic Rzewski, Ursula Oppens e Keith Rowe, entre outros.

É elogiado por nomes que vão de La Monte Young a Siegfried Palm, de Alvin Lucier a Steve Lacy e John Zorn. Foi o director musical de Os Cómicos – Grupo de Teatro, assim como, anos mais tarde, o fundador da galeria com o mesmo nome em Lisboa.

Colaborou com diversos coreógrafos, encenadores e realizadores como Olga

Roriz, Michala Marcus, Paula Massano, Vasco Wellenkamp, Vera Mantero, Francisco Camacho, Giorgio Barberio Corsetti, Ricardo Pais, Constança Capdeville, Fernanda Lapa, Carlos Avilez, António Rama, Seixas Santos, Ludger Lamers e Francis Plisson.

Tem uma produção discográfica, em nome próprio ou colaborações com outros músicos/compositores, de mais de 50 títulos, com edições em França, Suíça, Alemanha, Canadá, Itália, Inglaterra, Japão, Holanda, EUA. Atribuições de melhor disco do ano nas revistas WIRE (GB), CODA (Canadá) e ainda dois “Choc” atribuídos pelo Le Monde de la Musique (F).

Chris Marker, Memórias dos Tempos

Comissário:
Augusto M. Seabra



La jetée, 1962 © Argos Films

Cinema de Qui 2 a Seg 6 Dezembro Pequeno Auditório

Qui 2 · 21h30 *Les Statues meurent aussi* (co-realização de Alain Resnais e Chris Marker), 1953, 30', v.o. francesa, legendas em português; *La jetée*, 1962, 28', v.o. francesa, legendas em português

Sex 3 · 18h30 *Description d'un combat*, 1960, 56', v.o. francesa, legendas em português; *L'Ambassade*, 1973, 20', v.o. francesa, legendas em português
21h30 *Slon Tango*, 1993, 4'; *Chats Perchés*, 2004, 58'

Sáb 4 · 15h30 *AK Portrait d'Akira Kurosawa*, 1984, 1h15, filme falado em francês e inglês
18h30 *Une journée d'Andrei Arsenevitch*, 2000, 55', v.o. francesa, legendas em inglês
21h30 *Le tombeau d'Alexandre*, 1992, 1h44, v.o. francesa, legendas em inglês

Dom 5 · 15h30 *Le fond de l'air est rouge parte I: Les mains fragiles*, 1977, 1h30, v.o. francesa, legendas em português
18h30 *Le fond de l'air est rouge parte II: Les mains coupées*, 1977, 1h30, v.o. francesa, legendas em português
21h30 *Level 5*, 1997, 1h45 v.o. francesa, legendas em português

Seg 6 · 21h30 *Sans soleil*, 1983, 1h50, v.o. francesa, legendas em português

Chris Marker é um dos maiores cineastas vivos e mesmo um dos maiores da história da arte cinematográfica. Ao longo de quase seis décadas, Marker realizou dezenas de filmes e obras para televisão, curtas e curtíssimas, médias e longas e longuíssimas metragens, documentários

e ficções. Viajante incessante é também o mais "invisível" dos cineastas, famoso por nunca dar entrevistas ou fazer aparições públicas.

O seu amigo e cúmplice Alain Resnais disse: "Creio que se deve a Marker a introdução no cinema da forma do ensaio". Já nos anos 50, de resto, André Bazin tinha tido a intuição: "Para ele o comentário de um filme não é o que se acrescenta à imagem mas quase o elemento primeiro, fundamental". Cineasta profundamente "empenhado" acompanhando as lutas políticas ao longo do tempo e dos espaços (e há breves imagens de Portugal no imediato pós-25 de Abril em *Le Fond de l'air est rouge* e *Sans Soleil*), Marker foi elaborando a memória destes tempos. E no entanto os seus filmes não são estritamente do real imediato, do cinema como "janela aberta para o mundo" mas um processo de montagem, retomando a tradição dos soviéticos dos anos 20. Na montagem não há um tempo único mas vários estratos, o passado e o presente como também o futuro: no famoso *La Jetée*, feito com planos fixos, a memória de infância da personagem principal é afinal a sua própria morte. O cinema torna-se tempos, no plural. Como assinalou Raymond Bellour, Marker dá a ver que a característica maior do cinema não é tanto o movimento como o tempo. E isto na ficção científica de *La Jetée* ou *Level 5* como nas memórias dos acontecimentos.

Há autores que reinventam o cinema e Chris Marker é certamente um deles.

Augusto M. Seabra

Os portadores de bilhete para o espectáculo têm acesso ao parque de estacionamento da Caixa Geral de Depósitos.

Conselho de Administração

Presidente

António Maldonado

Gonelha

Administradores

Miguel Lobo Antunes

Margarida Ferraz

Assessores

Dança

Gil Mendo

Teatro

Francisco Frazão

Arte Contemporânea

Miguel Wandschneider

Serviço Educativo

Raquel Ribeiro dos Santos

Pietra Fraga

Diana Ramalho estagiária

Direcção de Produção

Margarida Mota

Produção e Secretariado

Patrícia Blázquez

Mariana Cardoso

de Lemos

Jorge Epifânio

Exposições

Coordenação de Produção

Mário Valente

Produção e Montagem

António Sequeira Lopes

Produção

Paula Tavares dos Santos

Montagem

Fernando Teixeira

Culturgest Porto

Susana Sameiro

Comunicação

Filipe Folhadela Moreira

Ana Franco Gil estagiária

Publicações

Marta Cardoso

Rosário Sousa Machado

Actividades Comerciais

Patrícia Blázquez

Clara Troni

Catarina Carmona

Serviços Administrativos e Financeiros

Cristina Ribeiro

Paulo Silva

Teresa Figueiredo

Direcção Técnica

Paulo Prata Ramos

Direcção de Cena e Luzes

Horácio Fernandes

Assistente de direcção cenotécnica

José Manuel Rodrigues

Audiovisuais

Américo Firmino

coordenador

Paulo Abrantes

chefe de áudio

Tiago Bernardo

Iluminação de Cena

Fernando Ricardo chefe

Nuno Alves

Maquinaria de Cena

José Luís Pereira chefe

Alcino Ferreira

Técnico Auxiliar

Álvaro Coelho

Frente de Casa

Rute Sousa

Bilheteira

Manuela Fialho

Edgar Andrade

Recepção

Sofia Fernandes

Ana Luísa Jacinto

Auxiliar Administrativo

Nuno Cunha

Colecção da Caixa Geral de Depósitos

Isabel Corte-Real

Inês Costa Dias

Maria Manuel Conceição

Edifício Sede da CGD

Rua Arco do Cego, 1000-300 Lisboa, Piso 1

Tel: 21 790 51 55 · Fax: 21 848 39 03

culturgest@cgd.pt · www.culturgest.pt

Culturgest, uma casa do mundo
